

## **Fronteiras bordadas: oralitura e fabulação crítica do gesto artístico decolonial<sup>1</sup>**

Patricia de Oliveira Iuva<sup>2</sup>

Fábio Sadao Nakagawa<sup>3</sup>

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

### **RESUMO**

Este trabalho discute a criação artística e colaborativa de um coletivo migrante e dissidente de gênero na chave de leitura do gesto artístico decolonial. A partir da produção “Bordar-Lands: las cartas son el tejido”, do Colectivo Ayllu, apresentada na 35ª Bienal de São Paulo (2023), nos aproximamos do que entendemos ser uma episteme estética e política de reexistência. Buscamos os estudos de Gloria Anzaldúa, Leda Maria Martins e Iuri Lotman, para propor uma leitura semiótica e decolonial da obra, compreendida como território simbólico insurgente. A metodologia se ancora na leitura semiótica da materialidade do painel-tecido, acionando as categorias de “oralitura” e “símbolo mnemônico”. Na análise destacamos a expressividade verbal e visual de três fragmentos do painel: a escrita espiralada evocando Ìyámì Osòròngà; a homenagem a Mãe Bernadete; e a expressão “historiografia clandestina”. Os resultados revelam o gesto artístico de bordar enquanto forma de inscrição corporal e fabulação crítica, que ressignifica saberes ancestrais e desestabiliza narrativas coloniais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

fronteira; semiótica; oralitura; gesto; decolonial.

### **Introdução**

O presente trabalho busca analisar a criação colaborativa intitulada “Bordar-Lands: las cartas son el tejido”, desenvolvida pelo Colectivo Ayllu e exposta na 35ª Bienal de São Paulo (2023), à luz de perspectivas semióticas e decoloniais. Buscamos na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Artes do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do GP Semiótica da Comunicação da INTERCOM, e-mail: [patiuva@gmail.com](mailto:patiuva@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, professor do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e coordenador do GP Semiótica da Comunicação da INTERCOM, e-mail: [fabiosadao@gmail.com](mailto:fabiosadao@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mídia e Formatos Narrativos da UFRB, professora permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do IHAC/ UFBA e professora Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e-mail: [regianemo@uol.com.br](mailto:regianemo@uol.com.br)

fundamentação teórica de Gloria Anzaldúa (1987, 2000) e Leda Maria Martins (2021) as bases para uma mirada contra hegemônica e decolonial, articulando um diálogo com a semiótica de Iuri Lotman (1996) de modo a situar a produção artística como uma episteme estética e política de (re)existência, em que o gesto artístico do bordado opera inscrições corporais e fabulações críticas da memória ancestral, sobretudo de corpos dissidentes, racializados, migrantes e indígenas. Desse modo, compreendemos o painel “Bordarlands” como um território semiótico (e, simbólico) de insurgência contra as narrativas hegemônicas coloniais, que reconfigura a noção de tempo e a história por meio da oralitura e da performance.

### **Dos procedimentos de análise**

A análise está fundamentada numa abordagem semiótica que permite compreender o painel como uma tessitura discursiva e visual. O procedimento metodológico parte da observação da materialidade do painel-tecido para apreender os gestos inscritos e as visualidades que emergem da sobreposição de distintas temporalidades. Para apreender o gesto artístico do bordar, mobilizamos duas categorias principais: a de “oralitura” (Martins, 2021), que concebe a inscrição performática como gesto político e epistêmico, e a de “símbolo mnemônico” (Lotman, 1996), entendida como signo condensador de saberes ancestrais em permanente atualização. Também operamos com o conceito de “tempo espiralar” (Martins, 2021), em articulação com a noção de “fronteira” como espaço de tradução (Anzaldúa, 1987; Lotman, 1996).

O objeto de análise, o painel coletivo “Bordar-Lands: las cartas son el tejido”, se caracteriza por ser uma grande composição têxtil (290 x 390 cm) que reúne bordados, pinturas, colagens e inscrições realizadas por participantes de uma oficina de mesmo nome, promovida pelo Colectivo Ayllu. O título evoca a obra “Borderlands/La Frontera” de Anzaldúa, propondo uma costura de territórios simbólicos a partir de cartas dirigidas a “quem exista um amor ancestral”. A análise se detém em três fragmentos do painel: (1) a escrita espiralada que convoca Ìyámì Osóròngà, figura mítica iorubá das Mães Ancestrais, como símbolo de força, saber e resistência; (2) a homenagem à ialorixá e líder quilombola Mãe Bernadete, assassinada em 2023, cuja inscrição dialoga com noções de luta e ancestralidade afro-brasileira; e (3) o fragmento com a expressão “historiografia

clandestina”, que articula um gesto de desobediência epistêmica e subversão das narrativas coloniais.

Cada uma dessas composições é compreendida como um dispositivo de memória e tradução cultural, operando em temporalidades não lineares. A escrita manual e os bordados tornam visível a gestualidade e a presença dos corpos dissidentes na produção do texto-tecido. A utilização de idiomas indígenas e símbolos religiosos de matriz africana reforça a pluralidade epistêmica do painel, ativando um processo de ressignificação de saberes historicamente marginalizados. O bordado é entendido não apenas como prática estética, mas como um ato de risco e inscrição subjetiva, conforme apontado por Peixoto (2000) e Flusser (1994).

Ao abordar essas camadas semióticas compositivas, pretendemos evidenciar como a criação colaborativa opera uma “oralitura coletiva”, em que palavras e imagens bordadas constituem uma memória encarnada, insurgente e contra hegemônica. O gesto de “bordar-lands” se torna, assim, um modo de territorializar afetos, inscrever memórias silenciadas e fabular novos futuros, reafirmando a arte como forma de reexistência e enfrentamento da colonialidade.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La frontera. The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, N° 8(1), p.229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>.

FLUSSER, Vilém. *Los gestos*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

LOTMAN, I. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

LOTMAN, I. *La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*. São Paulo: Cobogó, 2021.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEIXOTO, Fernanda Areas. Os riscos da agulha. *Revista Trilhos*, v. 1, n. 1, p. 75-91, 2020.

TAYLOR, Diane. *O arquivo e o repertório*. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.